

Cultura material e percepções: a experiência sensorial com os vestígios arqueológicos da Casa da Torre e do Galeão Sacramento, Bahia¹

Leandro Vieira da Silva

IEF-MG

Resumo

Ao contrário de outras disciplinas que incorporaram os aspectos sensoriais em suas investigações, a Arqueologia até o presente momento ainda não explorou toda a potencialidade dessa linha de pensamento. Do pouco que se têm na Arqueologia, os estudos concentram-se principalmente em duas áreas: a arqueologia da paisagem e, de forma secundária, a arqueologia dos tecidos. Nos dois campos predominam em absoluto a visão e o tato, deixando o cheiro, o som e o paladar praticamente inexplorados. Dessa maneira, apresentamos neste trabalho um relato de nossa experiência durante a pesquisa de doutorado, no qual foram analisados os vestígios arqueológicos associados ao domínio das práticas alimentares da Casa da Torre de Garcia D'Ávila, cuja fundação remonta o ano de 1551, localizado no município de Mata de São João e do Galeão Santíssimo Sacramento, afundado em 1668 no litoral de Salvador, ambos situados no Estado da Bahia. Nesta explanação, buscamos demonstrar experiências ligadas ao tato, à visão, à audição, ao olfato e ao paladar durante a pesquisa de doutoramento e como esses sentidos esclareceram ou complexificaram as análises. As categorias de vestígios que serão apresentados neste trabalho são vidros, porcelanas chinesas e faianças portuguesas. E além dessa cultura material, também serão abordados os relatos históricos sobre o consumo de carne de baleia e como ela se inseriu nas questões ligadas às percepções do tempo passado e aos julgamentos de valor no tempo presente.

Palavras-Chave: Percepções sensoriais, Cultura Material, Arqueologia.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

Introdução

O interesse pelo domínio sensorial como tema de investigação advinda com a chegada da Fenomenologia e da Teoria Social, já é presente em algumas disciplinas, a exemplo da Geografia Humana, com os proeminentes trabalhos de Tuan (1983) e de Correia (1984). Entretanto, na Arqueologia essa abordagem só começou a aparecer por volta de meados dos anos 90 no século XX e uma crescente bibliografia vem surgindo, desde que Tilley (1994) publicou em 1994, seu trabalho sobre os aspectos fenomenológicos da paisagem. Alguns pesquisadores preocupados com essa omissão, começaram a chamar a atenção para o baixo interesse pela dimensão sensorial da cultura material na pesquisa arqueológica, não obstante se tratar de um segmento onipresente em qualquer grupo humano (PELLINI, ZARANKIN, SALERNO, 2015) e, por conseguinte, em grande parte dos vestígios arqueológicos. As categorias de artefatos mais exploradas pelas abordagens sensoriais até o presente são as paisagens e os tecidos (LIMA, 2011). Entre as razões frequentemente aventadas para a pouca exploração da temática sensorial está a perspectiva histórico-culturalista, que ainda é preponderante na arqueologia brasileira, a qual está mais preocupada em realizar investigações de ordem cronológica, descritiva ou classificatória e a perspectiva positivista, que considera as abordagens sensoriais por demais subjetivas e arbitrárias, e, nessa condição, entendidas como não-científicas.

É importante frisar que a questão da subjetividade não é uma crítica restrita às abordagens sensoriais, ela também atinge outras correntes, sobretudo, as simbólicas e as cognitivas. Contudo, nota-se um tímido redirecionamento para novas abordagens, que não aquela excessivamente cientificista. Essa situação é um resultado tanto do da escolha pessoal do pesquisador em olhar para outros referenciais teóricos, quanto da compreensão das restrições impostas pela própria natureza do registro arqueológico e pela busca de encontrar outras formas para abordá-lo do ponto de vista metodológico. E para enveredar por esse caminho, sem dúvida é necessário apurar a sensibilidade e os instrumentos para reconhecer como os sentidos podem ser trabalhados na investigação da cultura material. Isso envolve certamente não apenas uma visão mais profunda e perspicaz para a interpretação de evidências nem sempre tão claras, mas também é fundamental a existência de bons contextos para oferecer o necessário substrato para as análises.

Os objetos podem assumir múltiplos significados em suas histórias socioculturais e físicas, enquanto matéria, onde tanto os indivíduos quanto os próprios objetos se engajam em contínuas negociações, em decorrências dos interlocutores aí existentes, permitindo assim uma complexa trama de agenciamentos possíveis (LIMA, 2011). Indivíduos que produziram uma determinada cultura material podem impregnar nos objetos uma série de mensagens não-verbais, de maneira simbólica, incutindo neles valores morais, doutrinações, ideologias, regras de civilidade, formas apropriadas de comportamento, etc. Já certos agentes sociais que se apropriaram dessa mesma cultura material, podem oferecer uma ressignificação desses mesmos objetos, reagindo de forma contrária ao que era esperado. Além disso, a própria cultura material também tem pode determinar e constranger comportamentos por ela mesma, demonstrando a sua agência nas relações sociais. E por fim, tais objetos que em sua trajetória física sobreviveram até os dias atuais, podem ser lidos e entendidos pelos pesquisadores em sob outros olhares, onde são os próprios arqueólogos que lhes conferem novos sentidos.

Essa fluidez dos significados produzidas a partir de múltiplas agências no tempo passado e no tempo presente perfaz a antítese frente ao paradigma positivista, o qual imbuído de espírito cientificista defende-se a ideia de um suposto comportamento humano padronizado, previsível e funcional.

Pelo fato da disciplina arqueológica ter como seu foco a cultura material, as questões relativas às percepções e sensações são passíveis de serem observadas nos objetos através das vivências, das experiências e das práticas individuais, tornando-se um campo fecundo para esse tipo de investigação. Assim, o presente trabalho volta-se para demonstrar como os sentidos ligados ao tato, à visão, à audição, ao olfato e ao paladar, durante uma pesquisa de doutoramento, esclareceram ou complexificaram as análises de diversos artefatos oriundos de um contexto sociocultural assimétrico.

Uma sociedade fortemente estratificada na Bahia Colonial

Colonizado a partir do século XVI por Portugal, o Brasil foi cerceado pelas práticas monopolistas da metrópole até o início do século XIX com a chegada da corte de Dom João VI ao Rio de Janeiro, onde os portos brasileiros foram finalmente abertos ao comércio internacional. Praticamente isolada política e economicamente durante 300 anos, a América Portuguesa ficou restrita aos contatos com Lisboa a partir do chamado

“Pacto Colonial”, no qual a colônia poderia comercializar somente com a sua metrópole.

Salvador foi a capital da América Portuguesa durante a maior parte do período colonial, onde foi a sede administrativa da colônia e tendo o seu porto, considerado na época, como a maior praça mercantil do Atlântico sul. Nesta condição, eventuais bens “estrangeiros” chegavam à cidade e, por conseguinte, para as regiões circunvizinhas de Salvador, a exemplo das cobiçadas porcelanas chinesas. Entretanto, mesmo em Salvador predominou o modelo econômico imposto por Portugal e, sobretudo, o modelo de sociedade que se implantou.

Assentada no sistema escravista, enquanto modo de produção, a sociedade baiana colonial apresentou um contexto fortemente assimétrico de poder, a qual apresentou a forte dualidade típica do sistema escravista da Idade Moderna: os escravos e os não-escravos. Contudo, para além desse modo dual, havia grupos que estavam inseridos dentro dessa oposição binária. No grupo dominante, senhores de escravos poderiam ser divididos entre os reinóis elitizados, ou seja, portugueses de nascimento que além deterem a distinção de berço, ainda tinham o privilégio exclusivo de ocupar os altos cargos públicos na administração da América Portuguesa. E ainda os baianos elitizados, proprietários de terras, em sua esmagadora maioria eram brancos e descendentes dos portugueses e que, por vezes, eram denominados de “*mazombos*” na América Portuguesa, um termo que seria equivalente ao “*criollo*” na América Espanhola e ao “*beké*” na América Francesa. Além de um pequeno grupo de escravos libertos e de reinóis pobres, que perfaziam uma camada intermediária, porém ainda incipiente.

O papel de um indivíduo dentro desse sistema sociocultural era determinado pelo nascimento, ou seja, as pessoas nasciam desiguais, eram tratadas de modo desigual e morriam de forma desigual. Por se tratar de sujeitos que viveram antes da Revolução da Francesa, não havia os ideais de liberdade, igualdade e de fraternidade de forma disseminada. A sociedade baiana colonial, assim como nas outras regiões da América Portuguesa, se estruturou nos ideais do Antigo Regime, no qual o berço determinava o destino do indivíduo, com raras exceções de ascensão social (HESPANHA, 2001).

Logo, essa condição econômica e social imposta pela metrópole aparelhou a sociedade colonial para adotar de forma incondicional toda a sua cultura material que

lhe era enviada do além-mar, assegurando a rendição e a subordinação do ponto de vista ideológico, influenciando nos modos de ser, pensar e agir culturalmente.

Os sítios arqueológicos

Foram analisados artefatos cerâmicos e vítreos do espólio do Galeão Santíssimo Sacramento e da Casa da Torre de Garcia D'Ávila. Os artefatos analisados referentes ao Galeão Sacramento estão preservados no Museu Náutico da Bahia em Salvador, enquanto que os artefatos da Casa da Torre estão preservados no receptivo turístico da Casa da Torre na Praia do Forte, município de Mata de São João.

A partir de 1551, o português Garcia D'Ávila começou a construção de sua moradia em Tatuapara, atual Praia do Forte. A edificação inicial consistia apenas em uma capela sextavada e uma possível residência anexa à igreja, ainda de proporções acanhadas. Logo no início da história da Casa, houve o estabelecimento de laços de parentesco entre portugueses e tupinambás. Garcia d'Ávila, apesar de ser casado oficialmente, teve ao menos dois filhos mamelucos: Isabel d'Ávila (1554-1609), sepultada na Igreja da Sé, e João d'Ávila, conhecido como “João Homem”, provavelmente nascido entre 1566 e 1569 (PESSOA, 2003, 2017). Com aproximadamente noventa anos, Garcia d'Ávila morreu na Santa Casa de Misericórdia, em 1609, e foi sepultado na antiga Igreja da Sé, em Salvador. Deixando seu neto, filho de Isabel, o bandeirante Francisco Dias d'Ávila II como seu legítimo herdeiro dentro do regime de morgadio (HOLANDA, 2012; SILVA, 2019, 2022).

Continuando os negócios do avô, a família investiu na pecuária bovina e ganhando cada vez mais poder e prestígio junto à administração colonial, a propriedade começara a marchar colônia adentro de forma rápida e à custa de grande genocídio indígena. Logo, a Casa da Torre tornou-se a sede do maior latifúndio da América Portuguesa no século XVII, que, segundo cálculos de Bandeira (2000), chegou a 300.000 km², expandindo para quase a totalidade da região Nordeste, do litoral norte baiano até o Piauí, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Ceará. Já na primeira metade do século XVIII, a família foi diversificando seus negócios, ligada a vários segmentos e com diversos graus de importância, e estabeleceu uma verdadeira rede tentacular, com arrendamento de terras, abastecimento de carnes, exploração de salitre, caça de baleias, engenhos de açúcar, comércio de cocos e de âmbar, olarias,

pedreiras, casas de farinha, cobrança obrigatória de foros para aqueles que viviam em suas terras, etc. (SILVA, 2022)

Entretanto, a família começou a sentir os sintomas do declínio econômico já na segunda metade do século XVIII e com a morte do último Garcia D'Ávila, na linha de sucessores diretos em 1805, a Casa da Torre passou, assim, para as mãos dos primos, os clãs dos Pires de Carvalho e Albuquerque e dos Aragão. A imponente sede foi definitivamente abandonada pela família em meados do século XIX (PESSOA, 2003; SILVA, 2019, 2022).

A uma distancia de apenas 6 quilômetros do litoral da cidade de Salvador, localiza-se o soçobro do Galeão Santíssimo Sacramento, uma navio que vinha de Portugal e que naufragou em uma noite tempestuosa do dia 05 de maio de 1668. Existem poucas informações históricas sobre a viagem, a carga, a tripulação e os sobreviventes que nele estavam embarcados no Brasil, sendo que a principal fonte é o relato do cronista Sebastião da Rocha Pita, no livro *História da América Portuguesa*, publicado em 1730 (SILVA, 2019, 2021).

Provavelmente, em fins de fevereiro de 1668, o Galeão Sacramento largou do Tejo para o Brasil, não mais na condição de Almiranta Real, mas como a Capitânia de uma frota e que trazia o general Francisco Correa da Silva, o qual seria o futuro governador-geral do Brasil, em substituição a Alexandre de Souza Freire (MELLO NETO, 1978). Segundo Silva (1953, p. 116), o então governador encontrava-se “envelhentado”, “cheio de achaques²” e que havia “contínuas queixas de que quase sempre se achava enfermo”. O rei de Portugal indica o general Francisco Correa da Silva, que dele não há muitas informações, somente que era “um dos mais jovens administradores reinóis” (SILVA, 1953, p. 117; SILVA, 2021).

No dia 5 de maio, entre 5 e 6 horas da tarde, o Galeão chegou a Salvador com o objetivo de ancorar no porto da cidade, mas havia uma grande tormenta com ventos vindos do Sul. . Ao que tudo levar a crer, o piloto tentou adentrar na Baía de Todos os Santos, entretanto no caminho situa-se o Banco de Santo Antônio, formação geológica constituída por uma extensa formação de areia e que sempre ofereceu risco para as embarcações, formando perigosos baixios. O Galeão se chocou nesse banco de areias ao fim da tarde e ficou à deriva, até afundar completamente às 23 horas (MELLO NETO,

² É possível que os tais achaques fossem, o que conhecemos nos dias atuais, como epilepsia.

1978). Na alvorada do dia seguinte, os barcos recuperaram muitos náufragos, salvando-se apenas 70 pessoas, em sua maioria, marinheiros e soldados. Não há informações concretas sobre o número real de mortos, embora vários corpos tivessem sido recolhidos das águas e outros achados nas areias. Entre esses cadáveres lançados pela maré à praia, estava o do general Francisco Correa da Silva, que foi reconhecido pelo mestre de campo Antônio Guedes de Brito, que segundo Rocha Pita (1950), teve seu fim “*nas mais florida estação dos seus annos*” (SILVA, 2021).

Em ambos os sítios, foi recuperada uma abundante cultura material relativa às práticas alimentares confeccionados a partir de vidros, metais, chifres, cerâmicas de diversos tipos de pastas como as de barro simples e vidradas, as vitrificadas, as porcelanas, as faianças grossas e as faianças finas. Além de uma armação baleeira que pertencia à família Garcia D’Ávila, cuja carne dos cetáceos foi, historicamente, consumida pelos escravos. Através da análise desses materiais focando na morfologia, na decoração e nas marcas de uso e ainda, na abordagem espacial e histórica da armação baleeira, foi demonstrado que os reinóis elitizados embarcados no Galeão Sacramento, a família mazomba da Casa da Torre e os seus escravos possuíam objetos distintos refletindo a estratificação social e que esses objetos emitiam claras mensagens simbólicas, ora de distinção, ora de poder e ora de resistência.

Com o objetivo de examinar arqueologicamente pela via da cultura material, em que medida essa estratificação social foi refletida nos objetos de reinóis elitizados, dos “mazombos” e dos escravos na tese de doutoramento, esta presente publicação foi direcionada agora para um novo domínio: o das percepções sensoriais que estiveram envolvidos durante o processo de análise de artefatos arqueológicos ligados às práticas alimentares.

A experiência com o olfato

O primeiro caso que relatamos neste trabalho foi com as garrafas de vidro do Galeão Sacramento. Extrair informações dos pequenos cacos de vidro não é uma tarefa fácil e ao se debruçar sobre a coleção do Galeão Sacramento, tivemos a experiência sensorial com esses artefatos. Durante o processo de análise, além da cautela ao manejar as peças com luvas para evitar cortes, sentíamos um forte odor que emanava de muitas bases das *Case Bottle*, termo que denomina as garrafas de base quadrada e que em português são chamadas de “garrafas de caixa” (SILVA, 2021)

Algumas dessas bases apresentam uma crosta alaranjada em sua superfície interna, figura 01.

Após a visualização do material, especialistas na área de Química, explanaram que o material pode estar relacionado ao acúmulo de colônias de microorganismos marinhos que, atraídos pela superfície vítrea, se instalaram de forma oportunística dentro das bases, morreram e, possivelmente, geraram esse forte odor desde quando as bases foram retiradas do mar. Tal situação pode indicar que as bases não foram movimentadas pelas correntes de fundo, sinalizando que na profundidade onde o Sacramento está localizado, as águas não apresentam competência para revirar os artefatos que estão na área do sinistro, uma informação extremamente valiosa quando se estuda a formação de um sítio de naufrágio. Admito que, apesar de ter sido um exercício fascinante ter contato com essas garrafas, havia um grande desconforto olfativo. Essa experiência demonstra que os artefatos arqueológicos podem modificar sua materialidade, através da alteração de cores, tamanhos, sons e cheiros, ao longo da sua existência física.

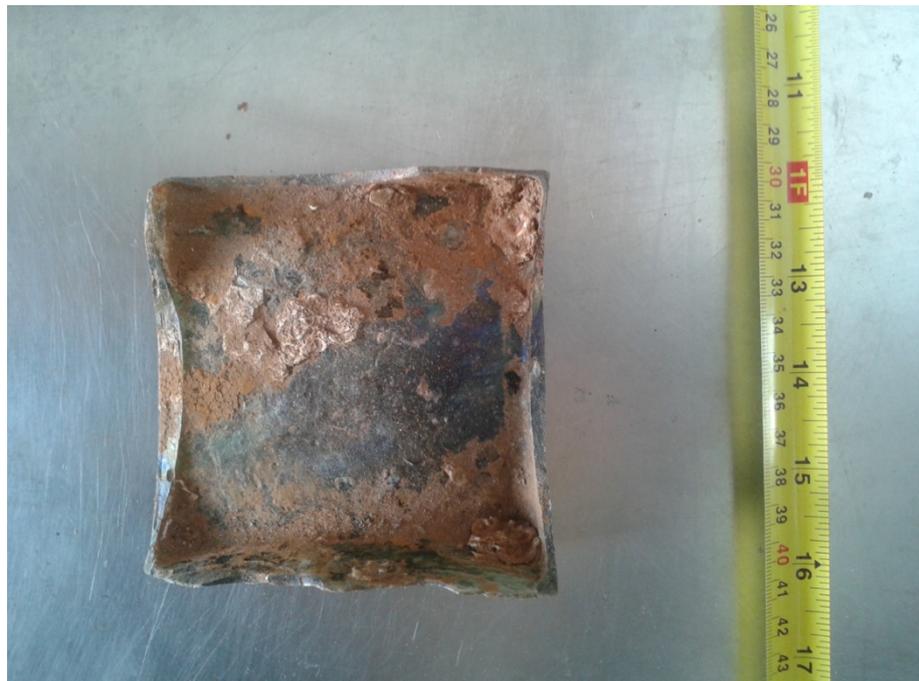


Figura 01: Concreção na base de garrafa do tipo *Case Bottle* recuperada do naufrágio do Galeão Sacramento

Fonte: Silva (2019)

A experiência com a visão

Outro artefato ligado ao espólio do Galeão Sacramento e que envolveu um dos sentidos foi uma peça de cerâmica, cuja pasta é de faiança grossa e de produção portuguesa. Trata-se de uma galheta, termo técnico usado na linguagem da cerâmica antiga para designar pequenos jarrinhos que podiam conter azeites, molhos, água fresca, etc., figura 02.

A decoração dessa peça apresenta a peculiaridade de apresentar um criptodesenho na parte lateral da galheta. O ceramista aproveitou do formado do bico do jarro e desenhou ali um rosto antropomorfo e na bibliografia consultada esse recurso decorativo de associar a pintura à morfologia não foi identificada. Assim, a identificação desse discreto desenho implicou em um olhar mais atento e aguçado para sua identificação durante a análise desse artefato, justamente quando havia outros desenhos profusamente estampados na tampa e ao longo do corpo do jarro, que poderiam desviar o foco da visão do observador e o desenho passaria incólume.



Figura 02: Galheta com um criptodesenho de um rosto na lateral recuperado do naufrágio do Galeão Sacramento

Fonte: Silva (2019)

A experiência com a audição

Um conjunto de artefatos recuperados da Casa da Torre nos deu a experiência com a audição durante os procedimentos analíticos, as porcelanas chinesas que foram tão desejadas e copiadas são difíceis de serem distinguidas das faianças grossas e das faianças finas e até de outros tipos de pastas como a *ironstone*. Além da semelhança entre diferentes pastas, as características decorativas são, por vezes, muito semelhantes, o que pode confundir o pesquisador no momento da descrição do material. Essa similaridade visual deve-se justamente ao status que o uso de peças de porcelana proporcionava na América Portuguesa. Conforme já explanado neste trabalho, o Brasil estava submetido ao Pacto Colonial e nesta condição Lisboa controlava os bens que aqui entravam, porém em razão das ações de contrabando, onde o segundo Castro (2017), no qual Brasil liderou o contrabando de porcelanas orientais no mundo ocidental, tais peças são encontradas nos sítios arqueológicos do período colonial, figura 03.

Logo, além das características tecnológicas, morfológicas e decorativas que podem auxiliar na identificação correta entre peças européias de faiança e porcelanas orientais, foi também utilizado o teste da sonoridade para a verificação do som metálico que somente as porcelanas da Ásia possuem. Por meio de leves batidas nas superfícies das peças foi possível identificar claramente quais eram porcelanas e quais eram de faiança. E os resultados foram em certa medida surpreendentes, pois diante da grande riqueza da família Garcia D'Ávila, esperava-se uma quantidade muito grande de porcelanas. Esse quadro vai ao encontro da hipótese defendida por Meneses (2000) de que as elites locais/mazombas teriam uma rusticidade alimentar no seu cotidiano, mas que apresentariam um requinte ocasional.



Figura 03: Tigela de porcelana chinesa, estilo *Swatow*, século 17.

Fonte: Silva (2019).

A experiência com o tato

Em relação ao tato, tivemos uma experiência peculiar com as garrafas de coloração escura da Casa da Torre. Tais garrafas geraram um profundo incômodo ao toque, provocando muita coceira e dor nos dedos. Nos protocolos de análise de materiais arqueológicos é imprescindível o uso de luvas durante o manuseio dos objetos, porém ao retirar as luvas para sentir um pouco a natureza da superfície desses artefatos de vidro, houve a sensação de dor nas pontas dos dedos, como se estilhas atravessassem a epiderme. Em contrapartida, os vidros de coloração verde proporcionaram um toque suave e agradável, jamais gerando qualquer tipo de desconforto no manuseio. É possível que o uso das garrafas escuras tenha sido para algo mais peculiar, na medida em que a cor está concordante com a suavidade ao toque, figura 04.

Nesse ínterim duas possibilidades foram aventadas, uma hipótese baseada na racionalidade e na cientificidade, explana que essas garrafas poderiam conter mercúrio e a outra hipótese baseada em bases não-ocidentais de ciência, explana que esses objetos seriam garrafas de conjuro, ou seja, de feitiços praticados por indivíduos provenientes da costa atlântica da África. Esse caso ilustra, outra agencia que não está no discurso

oficial, a de uma suposta agência sobrenatural, metafísico, que está fortemente entranhada no imaginário popular, indo para além do conhecido e que se expressaria na materialidade. Não há dúvidas de que a materialidade física é fundamental, mas os objetos também são uma construção social. É essa mesma matéria que se apresenta para a criatividade humana e que dela se apropria para atribuir todo tipo de significados.



Figura 04: Base de uma garrafa escura recuperada na Casa da Torre.

Fonte: Silva (2019)

A experiência com o paladar

Finalmente, em relação ao paladar, houve uma sessão da pesquisa que se dedicou ao consumo de carne de baleia na Bahia colonial, diante das ruínas da antiga armação baleeira da Praia do Forte e que pertenceu à família Garcia D'Ávila, figura 05. A carne de baleia tinha ampla utilização como alimento dos escravos e da população mais pobre, inclusive durante a travessia do Atlântico. Já seu óleo era usado para combater o reumatismo e purificar o sangue. Na Bahia, corria a superstição de que distribuir pedaços de baleia atraía prosperidade para os negócios da caça aos cetáceos. Assim, a carne era cortada em postas, salgada e embarrilada e entregue aos mais necessitados, às negras quitandeiras e aos escravos que trabalhavam em engenhos ou outras atividades produtivas (CASTELUCCI JUNIOR, 2015; COMERLATO, 2011; SILVA, 2019). Os viajantes Bulkeley e Cummins passaram pela Bahia em 1740 e

relataram que a carne de baleia parecia com carne de vaca, porém de gosto inferior. Os depoimentos sobre a qualidade da carne em termos de sua apreciação como alimento variava de viajante para viajante, mas, até a metade do século XX, ainda era bastante comum o consumo de carne de baleia em Salvador, principalmente no bairro de Itapoã.

Entretanto, para Lopes (1984), em suas memórias sobre o bairro do Rio Vermelho em Salvador, no ano de 1969, a carne de baleia era mais saborosa que a de boi, sendo tratada com limão e moqueada. Essa carne, outrora tão estigmatizada e desprezada no período colonial, simbolicamente associada aos grupos escravizados, ganhou um novo significado de consumo no século XX. Repaginada, ela foi vista em certos círculos como algo “*gourmet*”, como pode ser visto na figura 06, o que durou até recentemente e chegou ao fim com a proibição da caça em 1987, devido à pressão de movimentos ambientalistas para a conservação ecológica das espécies.

Assim, diante da leitura dos relatos de viajantes, que expressavam as mais diversas opiniões sobre o gosto da carne de baleia, fiquei realmente motivado a comer uma porção para ter uma experiência sensorial em relação ao meu objeto de estudo. E, assim, durante um almoço, externalizei essa vontade a uma colega de trabalho e imediatamente fui repreendido. Ela alegou de forma indignada que as baleias são inofensivas, que é preciso ter ética na pesquisa científica e que se eu cometesse tal “barbaridade” deveria ser denunciado às autoridades ambientais. Completamente tolhido, desisti de realizar a minha experiência sensorial.

A partir da perspectiva de uma agência ampliada e da minha frustração diante da reação de recriminação, pode-se refletir sobre a carga simbólica que está imbuída na relação entre homens e animais. A publicação pioneira *Animals and agency: an interdisciplinary exploration*, organizada por McFarland e Hediger (2009), buscou abordar o assunto de forma mais simétrica sobre as relações entre seres humanos e animais, inclusive na cultura material arqueológica – como é tratado no capítulo de autoria de Warkentin (2009), com o sugestivo título “*Whale agency*”, demonstrando como esses animais têm a capacidade de impactar e constranger as atividades humanas enquanto verdadeiros agentes sociais.



Figura 05: Visão parcial das ruínas da armação baleeira da Praia do Forte.

Fonte: Silva (2019)



Figura 06: Anúncio de carne de baleia divulgado por um jornal dos anos de 1960

Fonte: EDMUNDSON; HART, 2014

Considerações Finais

A noção dos sentidos, sob a perspectiva da Arqueologia, surge como um instrumental potencialmente fértil para analisar a cultura material de sociedades pretéritas, a exemplo do contexto colonial brasileiro como foi apresentado. Se entendidos enquanto uma forma de compreender toda a dinâmica que envolve os artefatos, pode tanto indicar estratégias de abordagens analíticas, como foi tratado neste trabalho, como também os atributos sensoriais podem indicar simbolismos e cosmologias daqueles que fabricaram e/ou usaram os objetos.

Segundo a afirmação de Thomas (2008) e de Tilley (2008), o estudo da cultura material a partir da orientação teórica da fenomenologia, não pode ser ignorado na arqueologia, uma vez que os seres humanos tocam os objetos e os objetos, por sua vez, também tocam os seres humanos. A abordagem arqueológica guiada pelas perspectivas da fenomenologia e da teoria social viabiliza a importância da percepção sensorial, permitindo pensar em outros significados, outras semânticas e outras agências.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Luiz. **O feudo, a Casa da Torre de Garcia D'Avila**: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASTRO, Nuno. **A porcelana chinesa ao tempo do Império**: Portugal-Brasil. [S.L.]: ACD Editora, 2007. 400 p.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Histórias conectadas por mares revoltos: uma história da caça de baleias nos Estados Unidos e no Brasil (1750-1850). **Revista de História Comparada** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 9, p. 88-118, 2015.

COMERLATO, Fabiana. **As armações da pesca da baleia em Itaparica – BA**. Salvador: MAE/UFBA, Relatório de Pesquisa, 2011.

CORREIA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

EDMUNDSON, William; HART, Ian. **A história da caça de baleias no Brasil**: de peixe real a iguaria japonesa. Barueri: DISAL, 2014. 311 p.

HENRIQUES, João Pedro. Do oriente para o ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. In: TEIXEIRA, André *et al.* **Velhos e novos mundos**: estudos de arqueologia moderna. Lisboa: Centro de História do Além-Mar, 2012. p. 919-932.

HESPANHA, Antonio. As estruturas políticas em Portugal na Época Moderna. In: TENGARRINHA, José. **História de Portugal**. Bauru/ São Paulo: EDUSC/ UNESP/ EDUSC, 2001.

HOLANDA, Gastão. A casa da Torre de Garcia D'Avila. In: **A Casa da Torre de Garcia D'Ávila**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros & Livros, 2012. p. 17-53.

LIMA, Tania. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.

LOPES, Licídio. **Rio Vermelho e suas tradições**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

McFARLAND, S; HEDIGER, R. (Org.). **Animals and agency: an interdisciplinary exploration**. Koninklijke Brill: Leiden, 2009.

MELLO NETO, Ulisses P. Naufrágio do galeão português Sacramento-1668. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia**, Salvador, 87, p. 15-35, 1978.

MENESES, José Newton. **O Continente Rústico: abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas**. Diamantina: Maria Fumaça Editora, 2000. v. 1.

PELLINI José Roberto; ZARANKIN, Andres; SALERNO, M. A. (Org.). **Coming to Senses: topics in sensory archaeology**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

PESSOA, Ângelo. **As ruínas da tradição: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: família e propriedade no nordeste colonial**. 2003. 308 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PESSOA, Ângelo. **As ruínas da tradição**. 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2017. 438 p.

ROCHA PITA, Sebastião. **História da América portuguesa**. 3. ed. Salvador: Livraria Progresso, 1950. p. 425.

SILVA, Alberto. **A primeira cidade do Brasil: aspectos seculares**. Prefeitura Municipal de Salvador, 1953.

SILVA, Leandro Vieira da. **As cerâmicas da Casa da Torre e do Galeão Sacramento: hierarquia social, simbolismo e ideologia nas práticas alimentares na Bahia Colonial**. Tese de Doutorado, USP, 603 p., 2019

SILVA, Leandro Vieira da. Corações de Vidro: os possíveis contextos de uso das garrafas do Galeão Sacramento. **REVISTA DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA**, v. 15, p. 39-64, 2021.

SILVA, Leandro Vieira da. Arqueologia e etnicidade, uma relação possível?: os exemplos da Casa da Torre de Garcia D'Ávila. In: Gevehr, Luciano. (Org.). **Raça, etnia**

e gênero: questões do tempo presente. 1ed.Guarujá: Científica Digital, 2022, v. 1, p. 95-113.

THOMAS, Julian. Phenomenology and Material Culture. In: Tilley, Chris; KEANE, Webb; Kuchler, Susanne; Rowlands, Mike; Spyer, Patricia (Eds.). **Handbook of Material Culture**. London: Sage, 2008. p. 43-59.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape:** paths, places and monuments. Oxford: Berg, 1994.

TILLEY, Christopher. Theoretical perspectives. In: Tilley, Chris; KEANE, Webb; Kuchler, Susanne; Rowlands, Mike; Spyer, Patricia (Eds.). **Handbook of Material Culture**. London: Sage, 2008a. p. 7-11.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.